

Oposição ginasiana

Já é possível começar a suspeitar que setores políticos e sociais que se opõem ao governo Fernando Henrique Cardoso, na verdade, não são tão de oposição assim, não pretendem, de fato, ganhar a eleição, e, portanto, encenam apenas uma farsa ao eleitorado.

Não bastasse a evidência da falta de proposições concretas cujo espaço é tomado por palavras de ordem de diretório acadêmico nos anos 70, a CUT e o PT, nos últimos dois dias, mostraram que o sectarismo pode levar o ser humano à regressão no que se refere ao desenvolvimento das mentes em direção à maturidade.

Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT, e Vicente Paulo da Silva inauguraram a campanha sob a égide da infantilidade. Lula lançando mão de imagens fáceis – comparando o governo ao Titanic e a oposição ao iceberg que causou o naufrágio do transatlântico –, e Vicentinho comandando uma tentativa de invasão do Palácio do Planalto, em manifestação cujas palavras de ordem, se inócuas de um lado, eram desrespeitosas e ofensivas com portadores da doença que os slogans faziam votos acometessem o presidente, de modo a lhe caírem os dedos das mãos.

Tétrico, se não fosse tolo.

Nenhum dos dois atos está à altura da história e biografia dos personagens, notadamente Lula, que, quando cumpriu com seriedade seu papel, ajudou a liquidar o regime militar, a consolidar a democracia partidária, a levar ao autodesmascaramento um candidato à presidência que ganhou mas já na campanha mostrou um *modus operandi* de submundo.

Lula começou o dia muito bem, tratando de um assunto importante como as privatizações, mas perdeu-se ao enveredar pela linha do palavreado vazio e acabou por emitir sinais negativos. Que confiança terá o eleitorado num candidato que na forma denota falta de imaginação e no conteúdo propõe uma união nacional para levar a pique a realidade? Sim, porque Fernando Henrique é presidente, mas não é dono do país nem é ele só a sociedade que vive na realidade também resultante de políticas governamentais.

No lugar de dizer que é capaz de fazer melhor que o adversário, apresenta-se não como o herói da salvação, mas como o sabotador que provocará o naufrágio. Então não está mesmo querendo ganhar.

Sempre se poderá dizer que Lula fez apenas uma imagem, não significando que aposte no desastre. Ora, mas alguém que quer governar um país não pode eternamente falar à nação como falava à peãozada numa época em que o simbólico bastava, pois era a mola da mobilização.

Seria como se, se entre nós estivesse, Ulysses Guimarães passasse o resto da vida repetindo que “cachorro não é urna e baioneta não é voto”, frase que definiu magistralmente a supremacia da força da democracia sobre os instrumentos da ditadura. Tudo tem seu momento.

Ao capitanear a gritaria em torno do Palácio do Planalto – lamentavelmente integrada por parlamentares –, Vicentinho pode até ter sentido que apenas exercia o direito à manifestação.

Está certo, dado que esse direito é livre. Agora, desde que não pretenda imaginar que com isso está somando, agregando apoio popular, dando passos adiante. Deu apenas a impressão de que resolveu, antes de embarcar para São Paulo, passar pelo Palácio para fazer uma falta de educação. Assim de modo a não perder a embocadura.